

Mas isso é museu? Como museus sem parede enfrentam o desafio da educação museal

Valda de Oliveira Fagundes^{*}
Maria Isabel Ferraz Pereira Leite^{**}

Resumo: O texto versa sobre o trabalho desenvolvido no Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes, em Blumenau/SC e no Museu da Infância, em Criciúma/SC, iluminando suas especificidades tipológicas: como ecomuseu – entendido como local privilegiado de problematização das relações contemporâneas entre homem, natureza e museu; e como museu universitário de caráter comunitário – aqueles cujos acervos estão sob guarda e responsabilidade de uma instituição de ensino superior e cuja proposta é ser um espaço social de encontro em torno do conhecimento/patrimônio como gerador de sentido da população local e circunvizinha, fomentando os processos de configuração identitária, e de melhoria da qualidade de vida dos grupos sociais que habitam na região, em suas múltiplas funções sociais. Paralelamente, discute criticamente seu ponto de convergência: ambos se constituem museograficamente como *museus sem paredes*, que abriram mão de delimitações físicas, esgarçaram fronteiras, vazaram territórios. A partir da conceituação inicial, o artigo abre o debate acerca do estranhamento do público diante dessa experiência museal, ao mesmo tempo em que indica as novas possibilidades que esse deslocamento perceptivo traz no sentido de auxiliar outros museus a se reinventarem e se reconfigurarem para o atendimento a um público mais diverso e não iniciado, uma vez que a ruptura ocorrida não desagregou os diálogos sobre o patrimônio, pelo contrário, estabeleceram-se novos projetos, novas indagações e novas interpretações.

Palavras-chaves: museu sem paredes; ecomuseu; museu comunitário; museu universitário;

Abstract: The paper analyzes the work in Ecomuseum Agobar Dr. Fagundes, in Blumenau/SC, and the Museum of Childhood, in Criciúma/SC, lightening their typological characteristics: as an ecomuseum – understood as a privileged place to discuss contemporary relations between man, nature and museum; and as an university museum with community character – those whose collections are in custody and responsibility of an university, and whose propose is to be a social gathering space around knowledge/heritage as a meaning production possibility to local population and surrounding, stimulating the processes of identity configuration, and improving quality of life to social groups that inhabit the region, in its multiple social functions. In addition, it analyzes their point of convergence: both are structured, museographically, as museums without walls, who gave up physical boundaries and borders, territories leaked. From the initial conceptualization, the article opens the debate about the estrangement of the public at this museum experience, while indicating new possibilities that this perception brings, in order to assist other museums to reinvent themselves and be reconfigured to meet a more diverse audience, setting up new projects, new questions, and new interpretations.

Key-words: museum without wall; ecomuseum; community museum; university museum;

^{*} Pesquisadora do Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes, EDAF. Doutora em Linguística pela UNICAMP.

^{**} Pesquisadora autônoma. Doutora em Educação pela UNICAMP.

1 Introdução

Blumenau e Criciúma são, respectivamente, a terceira e a quinta cidades mais populosas de Santa Catarina, estado ao sul do Brasil; a primeira com cerca de 310 mil e a outra com aproximadamente 190 mil habitantes. Blumenau teve, decorrente de seu fluxo migratório, maior influência alemã e é conhecida por suas indústrias e festas típicas; ao passo que Criciúma recebeu mais imigrantes italianos em sua composição demográfica e tem na extração do carvão e nas cerâmicas suas maiores atividades. Se na primeira cidade a preservação do meio ambiente é um destaque; na segunda, foi justamente a luta pela reversão da degradação decorrente da mineração que a colocou na dianteira em pesquisas ambientais.

Mas o que essas duas cidades, aparentemente tão distintas, têm em comum? Além de vários aspectos que não cabem ser explorados nesse texto, interessa-nos sublinhar que ambas abrigam um *museu sem paredes*: o Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes, em Blumenau; e o Museu da Infância, em Criciúma.

2 Sobre as especificidades dos ecomuseus

É no século XX que se começa a pensar no conceito de *patrimônio* de forma mais abrangente. Ele deixa de ser exclusivamente o termo dicionarizado, que abarca bens de família, herança, posses, haveres; e se estrutura de maneira mais ampla, como bem ou conjunto de bens naturais ou culturais de importância reconhecida num determinado lugar, região, país ou mesmo para a humanidade. E esse esgarçamento das fronteiras sobre patrimônio fez com que as ciências e a sociedade compreendessem que a história dos testemunhos humanos está efetivamente ligada ao meio, à natureza e, portanto, a uma **ecologia**, onde não mais se mostra a natureza como uma entidade intocada, mas meio em que o homem intervém de diferentes maneiras, seja através do desmatamento ou de construções, a fim de criar cidades, estruturar seu modo de produção, e ainda sua expressão cultural, isto é, suas formas de ser, agir, pensar e enfrentar as adversidades.

Essa dinâmica conceitual nos ajuda a entender diferentes definições que norteiam a museologia desde seu nascedouro, com os Gabinetes de Curiosidades, e as variadas tipologias de museus, sem perder de vista o papel principal dos mesmos: a história, a memória, a preservação, a comunicação e os diversos testemunhos da intervenção do homem na natureza – tudo como parte integrante deste conjunto de dizeres sobre os patrimônios.

Nesse sentido, as diversas áreas do conhecimento, tais como a Economia, a Sociologia, a História, a Cultura, entre outras, vêm se destacando no ecossistema capacitador das criações, das conquistas e também das derrotas humanas, na busca de novas interpretações para as mudanças que ocorrem constantemente, favorecendo a solidificação de uma visão de patrimônio na qual a natureza é, sobretudo, percebida como lugar da materialização dos gestos culturais. Mas se é assim, novos debates se fazem necessários, de maneira a problematizar permanentemente as mudanças da conduta humana frente à natureza. A partir daí, especialistas das muitas áreas envolvidas vêm desenvolvendo planos para a restauração, conservação, interpretação do patrimônio paisagístico e diferentes modalidades de processamento dos testemunhos culturais existentes.

É nesse cenário que se colocam as concepções de **ecomuseu** como local privilegiado de problematização das relações contemporâneas entre homem, natureza e museu; e pode-se, assim, visionar uma nova dinâmica para a museologia contemporânea: mais do que peças depositadas nas vitrines, misturadas entre si, acervos passam a ser entendidos como fontes vivas de cultura, testemunhos que dialogam com o público sobre as civilizações, falam dos hábitos, dos êxitos e insucessos das sociedades humanas, da história mesmo da humanidade (SOARES, 2006). Nesse sentido, é esperado que os ecomuseus possam ir até o público, que trabalhem *com* ele, participem da vida das coletividades – assim, os projetos desenvolvidos nessas novas instituições buscam reconhecer o trabalho das associações de bairros e sindicatos, e desenvolver concepções museísticas que valorizam o patrimônio cultural, sistematizam o turismo cultural local e preservam a memória social, dentre outras ações realizadas *na e pela* comunidade. Fundamentalmente, quando se trata de ecomuseu, sua missão geral é entendida, justamente, como a síntese das relações entre homem-território estruturadas na ideia de se conservar certas regiões, suas espécies animais e vegetais.

O **Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes** nasceu para dar continuidade ao trabalho de preservação desenvolvido por seu proprietário, um médico que se dedicava a apreciar e estudar os valores da natureza e da cultura da região rural do Garcia, chamada Nova Rússia – região rica em flora, fauna e ruínas que contam a história da colonização da região e da comunidade que ali vive. Depois de seu falecimento em 2001, sua família transformou o Sítio das Minas no ecomuseu, instalado, então, em 2007.

O primeiro passo foi fazer um inventário das peças e utensílios, outrora utilizados pelo homem do campo, e alguns deles pelos indígenas que habitavam a região no período da colonização e exploração de minerais, que compõem um pequeno, mas

significativo acervo. Uma vez inventariados os objetos fruto da produção do homem, o Ecomuseu dedica-se a inventariar a fauna e a flora circundante, visando futuramente criar trilhas musealizadas.

O Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes desenvolve inúmeros projetos que pretendem revelar a história da região desde sua formação geológica e explicar sua evolução – como viveram os primeiros habitantes, como se desenvolveu a cultura local em ligação com os ecossistemas naturais que os homens vão transformando. Portanto, ele busca destinar-se, em primeiro lugar, à população, mais particularmente à Escola Municipal Seriada Margarida Freygang, sobretudo por estar localizado em uma região onde o prestígio das coisas urbanas tende a apagar a importância das culturas locais e tradicionais. Com o Ecomuseu, as populações circunvizinhas são desafiadas/provocadas a amar o que é seu, a sua tradição, os seus conhecimentos antigos, ou seja, sua maneira peculiar de estar histórica e socialmente no mundo.

3 Sobre as especificidades dos museus universitários e comunitários

Museus universitários são aqueles cujos acervos estão sob guarda e responsabilidade de uma instituição de ensino superior. Assim como as universidades que os abrigam, eles têm sua estrutura alicerçada na pesquisa, na extensão e no ensino. Do mesmo modo, o conceito de museu comunitário é, de certa forma, análogo ao de universidade comunitária, cuja proposta é ser um espaço social de encontro em torno do conhecimento/patrimônio como gerador de sentido da população local e circunvizinha, fomentando processos dinâmicos e permanentes de configuração e reconfiguração identitária dos grupos que habitam na região, em suas múltiplas funções sociais, bem como de melhoria de sua qualidade de vida. Nesse sentido, o museu comunitário se apresenta como um espaço onde se pode agendar o compromisso de reorganizar o patrimônio, transformando-se em um centro de gestão cultural com encontros e diálogos; como um dinamizador do entorno comunitário; como sendo a instância para a qual convergem os distintos atores sociais em busca do descobrimento dos valores culturais e históricos, de trocas intelectuais, de renovações desejadas pela comunidade; e ainda como locus de poder de decisão nos planejamentos e execuções dos projetos referentes à sua origem e seu desenvolvimento.

O **Museu da Infância** foi criado como um Projeto de Extensão do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) em 2005, entrando em funcionamento em 2006. A UNESC é uma universidade comunitária, o que faz do Museu da Infância um museu universitário, de caráter comunitário.

Seu acervo é composto por produções científicas e artístico-culturais da, para e sobre a infância. Nesse sentido, seu acervo é bem palatável ao público, favorecendo a sensação de pertença da comunidade, afinal, todos já foram ou são crianças! Embora a criança seja a protagonista do seu acervo, o Museu da Infância se propõe a ser um espaço de encontro geracional, acolhendo público tão diverso, quanto adverso.

Sua dimensão universitária fica preponderante por desenvolver parcerias com outras universidades, grupos de pesquisa, cursos de graduação e pós; servir de pano para o desenrolar de investigações diversas; expor-se em congressos e demais eventos de caráter científico etc. Desde 2007 o Museu da Infância também atua em sua dimensão virtual, alargando suas fronteiras e acolhendo uma maior variedade de público.

Apesar de uma aproximação filosófica expressiva, há diferenciações entre o ecomuseu e o museu comunitário. Pode-se dizer que o primeiro tem um envolvimento estreito com o território e procura a preservação paisagística e histórica, com ou sem a comunidade originária. Ao contrário, o museu comunitário verifica, em primeiro plano, uma história hodierna da comunidade que ocupa o território, buscando as raízes do passado e os laços e produções culturais para a preservação do patrimônio e atividades que possam perpetuar o fazer artístico, a história cultural e a produção econômica da comunidade. Nas especificidades dos dois modelos de museus é visível a proposta de atuação dos mesmos: ela não está focada nos acervos, nas edificações que albergam os acervos ou nas exposições de longa duração. Há uma nova cenografia em construção que pretende e alcança diferentes dimensões estéticas, teóricas, novos parâmetros educativos, novas estratégias de preservação e comunicação.

Como guardião do patrimônio de uma comunidade, de modo geral o museu deve propiciar condições para a descoberta e a compreensão crítica do trabalho do homem. Partindo da premissa de que o museu é também o espaço para o conhecimento, a reflexão, a sensibilidade, a beleza, o passado, o presente e o futuro, pode-se perceber que trabalhar estes aspectos da vida humana é o grande desafio para o museu de hoje. Com estas mudanças advindas da necessidade de renovação do papel social dos museus, sobretudo a criação de ecomuseus e museus comunitários reforçam junto à sociedade um panorama que visibiliza a responsabilidade que o homem tem de não se acomodar na posição de sujeito observador, indiferente dos fenômenos vitais que o rodeiam, mas de firmar-se como sujeito ativo, crítico de si mesmo, e em permanente mudança.

4 O que são museus sem parede?

Mas isso é museu? Essa pergunta parece acompanhar o Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes e o Museu da Infância desde seu início. Entre os muitos desafios que se colocam aos museus em geral, e aos pequenos museus em particular, as duas instituições têm enfrentado a busca de recursos inovadores através de parcerias diversas, projetos específicos para captação de verbas em diferentes agências de fomento, ações educativas voltadas a vários públicos (alunos, professores, idosos, públicos especiais, pesquisadores etc.) – mas tanto no Ecomuseu, quanto no Museu da Infância, parece que uma das maiores dificuldades enfrentadas tem sido *perceber-se e ser compreendido* como museu!

Afinal, pode um museu ser quase imaterial? Abrir mão de suas paredes delimitadoras de território? Vazar suas fronteiras? A ruptura e consequente ampliação do conceito museal se deu quando o museu formal deparou-se com uma diversidade tal de acervos que se viu obrigado a recontextualização dos seus espaços, a uma renovação de suas propostas de musealização, bem como de sua comunicação com seus variados (e novos) públicos. Alguns espaços museais, então, adotaram a concepção de museu sem paredes, sem muros, sem vitrinas e os acervos passam por novas leituras. Mas ainda assim, museus sem parede não são exatamente uma categoria museal. Da mesma maneira que há carência conceitual em torno dos museus comunitários e dos ecomuseus, existem muitas lacunas a serem preenchidas acerca dos museus sem parede. Dessa forma, Cabral et al. (2009) apontam estratégias diversas para a dinamicidade nas informações e flexibilidade nas exposições, além de monitoramento e ações pedagógicas que atendam às exigências estruturais e dinâmicas destas instituições.

Se no Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes constituir-se como um museu sem paredes foi uma opção quase natural, dada a especificidade de seu acervo e a opção por trilhas musealizáveis; no Museu da Infância a opção por consubstanciar-se como um museu sem paredes foi fruto de uma decisão ousada de quebrantar com os desígnios museais tradicionais: ao invés de instalar-se num espaço fechado, esparramou-se pelo campus, procurando imiscuir-se à paisagem – e assim buscaram aproximar mais o público de seu acervo. Sem a barreira de entrada, suas vitrines estão no caminho daqueles que por ali transitam e, assim, desviam o olhar cotidiano acostumado e desassossegam a percepção, causam estranhamento, fazem pensar (CABRAL e colaboradores, 2007).

Tanto o Ecomuseu, quanto o Museu da Infância, por sua opção museográfica, carregam consigo esse desafio primeiro: contribuir para a resignificação do que é um museu e favorecer o acesso do público. Nessa direção, o que se coloca aos dois é a busca incessante de formas diversas de despertar o interesse em ir a outros museus, pois acreditamos que perceber que há diferentes tipologias museais ajudar a desconstruir a concepção equivocada de museu como espaço de velharia, e/ou como lugar para os outros (poucos).

É quase senso comum apontar a pobreza e a não familiaridade com a cultura exposta como pontos de intimidação aos visitantes. Entretanto, Leite (2007) já salientava a dificuldade que parte do público tem de enfrentar a primeira barreira física imposta por suntuosos edifícios em algumas instituições museais, sentindo-se não pertencente àquele universo. Assim, muitas vezes a partir da experiência tranquila e fácil nesses espaços museais sem paredes, aqui narrados, as pessoas tomam coragem para visitar outros museus, mesmo os mais tradicionais, pois sentem-se *autorizadas* a essa experiência.

5 Outros enfrentamentos na busca de uma educação museal de qualidade

Para além da desformatação do modo expositivo – e, portanto, da desconfiança permanente: *mas isso é um museu?* –, os dois museus aqui analisados enfrentam outras tantas dificuldades na busca de uma educação museal de qualidade. Em ambos, as ações educativas caminham, não no compasso desejado, ideal, mas no ritmo imposto pelas dificuldades advindas, sobretudo, pela ausência de profissionais para atenderem a demanda que se apresenta. Para nós, o maior desafio que se coloca decorrente disso é a ruptura do que chamaremos aqui de uma *pedagogia do diálogo*, dado que entendemos que não basta visitar a exposição para que o contemplador apreenda os significados inscritos nos objetos. Como defende Machado (2009), é preciso inseri-la como parte de um programa educativo mais amplo, que inclui visitas mediadas e a relação do museu com os outros espaços circundantes. Portanto, não ignoramos esta necessidade e estamos empenhados na criação de setores educativos, abrangentes e melhor estruturados – é nessa direção que caminhamos: sem tutelar o visitante, mas qualificando sua experiência museal.

À título de conclusão: no caminhar da história, museus, de uma forma ou de outra, sempre se preocuparam em guardar a memória dos homens. No início com características de tesouros, que “mostravam” o poderio de seus proprietários; depois, a

partir de muitos diálogos interdisciplinares, chegou-se à conclusão que a ruptura com os velhos conceitos que nortearam a Museologia desde seu discurso fundador seria importante para a criação de uma Nova Museologia (conforme Declaração de Quebec, 1984)¹. A ruptura ocorrida não desagregou os diálogos sobre o patrimônio, pelo contrário, como afirma Chagas (2006), estabeleceram-se novos projetos, novas indagações, novas interpretações e está se construindo novas possibilidades de se lidar com o tempo pretérito em permanente entrecruzamento com os tempos futuro e presente – apesar das paredes, e também sem elas.

Ficamos com Antonio Cícero: não se trata de guardar os objetos, camuflá-los sob o dito nas fichas técnicas. Muito eles têm a contar e o olhar do visitante para apreender, mas para tal, “O percebido não pode ser estranho àquele que percebe” ■

Referências

CABRAL, Gladir da Silva; FRITZEN, Celdon; LEITE, Maria Isabel; GRASSIOTTO, Renata. Childhood Museum: a permanent challenge of research. In: *Proceeding of 5th International Conference on Imagination and Education: Imaginative Education: provoking excellence across the curriculum*. Vancouver: IERG, 2007 (12p.).

_____. A Place for Childhood Education, Language and Memory. In: BLENKINSOP, Sean (Org.). *The Imagination in Education: extending boundaries of theory and practice*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2009, p.79-90.

CHAGAS, Mario de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu*. Chapecó: Argos, 2006.

LEITE, Maria Isabel. A dimensão educativa dos museus londrinos – o olhar estrangeiro. *Relatório Final de Pós-Doutorado*. Londres-UK/Criciúma-SC: Roehampton University/UNESCO, 2007. Disponível versão em português em:

http://www.gedest.unesc.net/relatorios/relat_posdocbel_port.pdf. Acesso em: 12 Jul. 2012.

MACHADO, Maria Iloni Seibel. 2009. *O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987/2006) e da experiência do Museu da Vida*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP/Instituto de Geociências, 2009. Orientador:

SOARES, Bruno César Brulon. Entendendo o Ecomuseu: uma nova forma de pensar a Museologia. *Revista Eletrônica Jovem Museologia: Estudos sobre Museus, Museologia e Patrimônio*. Ano 01, n.02, p.1-24, agosto de 2006. Disponível em <http://www.unirio.br/jovemmuseologia/documentos/2/artigobruno.pdf>. Acesso em: 12 Jul. 2012.

Recebido em 07.11.2011.

Aprovado em 24.05.2012.

¹ DECLARAÇÃO DE QUEBEC – Princípios de Base de uma Nova Museologia, 1984. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/quebec.htm>. Acesso em: 12 Jul. 2012.